

REDES DA CRIAÇÃO¹AUTORIA¹ DE PROFESSORAS NEGRAS (CIBER)ATIVISTAS NA EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA ONLINE

Maristela Midlej Veloso
Edméa Santos

Resumo

Este estudo fundamenta-se na crítica de processo, em articulação com a etnografia *online*, os estudos da cibercultura e as pesquisas com os cotidianos. Analisamos as práticas, narrativas e artefatos produzidos por três professoras universitárias em diferentes *espaçotempos* do ciberespaço, buscando compreender seus movimentos de criação no interior das redes educativas. Como dispositivos de pesquisa, mobilizamos microvídeos publicados no *Instagram*, *lives* no *YouTube* e conversas, principalmente as que ocorreram em ambientes *online*. Priorizamos, neste artigo, alguns dos aspectos emergentes de duas das praticantes, suas autorias, relacionadas às redes de criação, à mobilidade ubíqua entre cidades e ciberespaço e à articulação entre *fazeres/saberes*, pessoas, ideias e tecnologias. Os resultados indicam as redes sociais como *espaçotempos* de partilha, formação e consolidação de saberes docentes, bem como de sororidade e luta antirracista. Constatamos que há diferentes possibilidades de efetivação da Lei n. 10.639/2003 (Brasil, 2003) em ambiências educativas *online* e apontamos indicadores para a formação docente e o desenvolvimento de processos criativos, a saber: colaboração em redes, constituição de “quilombos virtuais”, escrituráveis em múltiplas linguagens e indissociabilidade entre formação e docência.

Palavras-chave: ativismo em rede; docência universitária; redes da criação; cibercultura.

NETWORKS OF CREATION AND AUTHORSHIP OF BLACK WOMEN EDUCATORS AS (CYBER)ACTIVISTS IN ONLINE UNIVERSITY EDUCATION

Abstract

This study is grounded in process criticism, articulated with online ethnography, cyberculture studies, and everyday life research. We analyze the practices, narratives, and artifacts produced by three university professors across different *spacetime* contexts of cyberspace, seeking to understand their creative movements within educational networks. As research devices, we mobilized micro-videos published on Instagram, YouTube livestreams, and conversations, particularly those that took place in online environments. In this article, we focus on some of the emerging aspects of two of the participants, highlighting their authorship in relation to networks of creation, ubiquitous mobility between cities and cyberspace, and the articulation among *knowings-doings*, people, ideas, and technologies. The findings indicate that social media platforms function as *spacetimes* for sharing, learning, and consolidating teaching knowledge, as well as for fostering sisterhood and anti-racist struggle. We identified different possibilities for implementing Brazilian Law 10.639/2003 (Brasil, 2003) in online educational environments and point to indicators for teacher education and the development of creative processes, namely: networked collaboration, the constitution of “virtual

¹Estética de escrita proposta por Nilda Alves (2008, p. 11), para quem “[...] a junção dos termos e sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade.

quilombos,” *escrevivências* (writing-lived experiences) expressed through multiple languages, and the inseparability of teacher education and teaching practice.

Keywords: networked activism; higher education teaching; networks of creation; cyberculture.

REDES DE CREAÇÃO Y AUTORÍA DE PROFESORAS NEGRAS (CIBER)ACTIVISTAS EN LA EDUCACIÓN UNIVERSITARIA EN LÍNEA

Resumen

Este estudio se fundamenta en la crítica de proceso, en articulación con la etnografía en línea, los estudios de la cibercultura y las investigaciones con los cotidianos. Analizamos las prácticas, narrativas y artefactos producidos por tres profesoras universitarias en diferentes *espacios-tiempos* del ciberespacio, buscando comprender sus movimientos de creación en el interior de las redes educativas. Como dispositivos de investigación, movilizamos microvideos publicados en Instagram, transmisiones en vivo en YouTube y conversaciones, especialmente aquellas que ocurrieron en entornos en línea. En este artículo, priorizamos algunos de los aspectos emergentes de dos de las participantes, sus autorías relacionadas con las redes de creación, la movilidad ubicua entre ciudades y ciberespacio, y la articulación entre *haceres-saberes*, personas, ideas y tecnologías. Los resultados indican que las redes sociales constituyen *espacios-tiempos* de intercambio, formación y consolidación de saberes docentes, así como de sororidad y lucha antirracista. Constatamos que existen diferentes posibilidades para la implementación de la Ley n. 10.639/2003 (Brasil, 2003) en entornos educativos en línea y señalamos indicadores para la formación docente y el desarrollo de procesos creativos, a saber: colaboración en red, constitución de “quilombos virtuales”, *escrevivências* en múltiples lenguajes e indisociabilidad entre formación y docencia.

Palabras clave: activismo en red; docencia universitaria; redes de creación; cibercultura

INTRODUÇÃO

Para compreender as redes de criação/criação como redes, a autoria de professoras em tempos de cibercultura e cultura de mobilidade ubíqua, torna-se necessário acompanhar os movimentos gerados e experienciados pelas praticantes culturais, especialmente os fenômenos emergentes que se manifestam em diferentes *espaçotempos* nos ambientes *online*. Nesse contexto, este artigo² tem como objetivo apresentar os movimentos produzidos nos processos criativos de professoras universitárias não brancas no cenário atual.

O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem metodológica híbrida, articulando a etnografia *online* e a crítica de processos (Salles, 2008a, 2008b), em diálogo com os estudos da cibercultura (Santaella, 2013; Santos, 2019) e com as pesquisas com os cotidianos (Alves, 2008). Essa opção metodológica permitiu acompanhar, de forma sensível e processual, os modos de criação, interação e autoria docente em ambientes digitais. Participaram da investigação três professoras praticantes (PPs), vinculadas a distintas instituições de educação superior; para fins deste artigo, entretanto, selecionamos duas delas, cujos movimentos criativos serão apresentados a seguir.

² A discussão deste texto é parte de nossa pesquisa de pós-doutorado intitulada Redes da criação e autoria de docentes universitários em tempos de cibercultura realizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A escolha das PPs fundamentou-se em critérios previamente definidos: (a) autodeclaração como não brancas; (b) atuação investigativa e/ou militante no campo das relações étnico-raciais, do feminismo negro e de temáticas correlatas; (c) inserção ativa em redes sociais digitais; (d) manutenção de elevado grau de interatividade com seus públicos; e (e) produção de conteúdos articulados a questões sociais e educacionais. Esses critérios asseguraram a coerência entre o recorte empírico e o objetivo do estudo, centrado na análise da autoria docente negra em contextos de cibercultura.

Sobre as duas praticantes da pesquisa: Alexandra Lima da Silva (PP1) é professora associada na Faculdade de Educação da UERJ e professora permanente no ProPed/UERJ; Bárbara Carine Soares Pinheiro (PP2) é professora adjunta no Instituto de Química da UFBA, além de sócia-fundadora da primeira escola afro-brasileira, a Maria Felipa (com sedes em Salvador e no Rio de Janeiro).

Quanto aos aspectos éticos, foram observados os princípios que orientam investigações em ambientes *online*. Foram utilizados materiais de acesso público, conforme resolução CNS n. 15/2016 (Brasil, 2016), e, para divulgação de falas e produções, as PPs assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para compreender os elementos da rede de criação das PPs, apesar de aparecer no corpo do texto algumas informações mais recentes, fizemos um recorte temporal do material de análise, especificamente no período da pandemia de covid-19, entre janeiro de 2020 e dezembro de 2022, e logo após a pandemia, durante o ano de 2023. A intenção foi buscar repostas para a seguinte questão: como ocorre o processo de *criaçãoautoria* da professora da educação superior, considerando o contexto da cibercultura. As análises consideraram os rastros deixados por elas em diferentes *espaçostempos*, além das suas narrativas e os documentos de processo de suas criações. Portanto, utilizamos diferentes dispositivos adotados por elas, como microvídeos postados no *Instagram*, *lives* no *YouTube*, livros e as nossas conversas que se deram presencialmente e através de *lives-conversa* ([Live-conversa com Alexandra...], 2022; [Live-conversa com Bárbara...], 2023).

Entre os achados de suas criações, destacamos as seguintes noções subsunçoras³: os móveis⁴ que as movimentam para seus processos criativos; as redes sociais como *espaçostempos* de partilha, formação e construção/consolidação de saberes docentes; e, as redes sociais: *espaçotempos* de sororidade e luta antirracista.

A CULTURA DA MOBILIDADE UBÍQUA E AS REDES SOCIAIS: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ONLINE DAS (CIBER)ATIVISTAS/FEMINISTAS

O advento e a crescente integração dos dispositivos móveis no cotidiano das pessoas inauguraram o que Lúcia Santaella (2021) denomina como “[...] espaços híbridos ou intersticiais da hipermobilidade”, surgidos na cibercultura em tempos de mobilidade ubíqua. Esse fenômeno conduz à era da conexão contínua, marcada pelo intensificado engajamento nas redes sociais e nos relacionamentos por elas potencializados.

³ “[...] as categorias analíticas —, que irão abrigar sistematicamente os subconjuntos das informações, dando-lhes feição mais organizada em termos de um corpus analítico escrito de forma clara” (Macedo, 2006, p. 138).

⁴ Entendemos os móveis a partir da ótica de Bernard Charlot. Para esse autor, “[...] mobilizar significa colocar recursos em ação e comprometer-se com uma atividade motivada por razões válidas” (Charlot, 2000, p. 55).

As novas funções das mídias pós-massivas são destacadas por Lemos e Lévy (2010, p. 38), quando afirmam que o “[...] aperfeiçoamento da inteligência coletiva (que pressupõe liberdade) é o produto e o sentido da evolução cultural”. Para eles, essa evolução justifica a predominância dos regimes de liberdade intelectual e política sobre os regimes autoritários e de censura. Nesse contexto, as tecnologias digitais deixam de ser meros instrumentos de transmissão de informação e passam a constituir ambientes de interação, colaboração e coautoria. O pensamento de Castells (2013, p. 11-12) corrobora essa discussão, pois aponta que:

[em relação às características do digital em rede]: É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos com potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infundável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada. Além disso, a comunicação digital é multimodal e permite a referência constante a um hipertexto global de informações cujos componentes podem ser remixados pelo ator que comunica segundo projetos de comunicação específicos.

A cultura contemporânea evidencia a crescente hibridação da ecologia midiática, inclusive a educação. Para Santaella (2013), novos modelos de aprendizagem não substituem os anteriores, mas os complementam, enriquecendo os processos educativos. Tal dinâmica repercute nas práticas culturais dos sujeitos imersos nas redes, que utilizam os ambientes *online*, tanto para narrar experiências cotidianas quanto para expressar posicionamentos críticos sobre questões sociais.

Entre os movimentos sociais em rede, interessa-nos a quarta onda do feminismo ou ciberfeminismo (Santos; Fernandes; York, 2022). O ativismo feminino *online* articula e viraliza pautas como violência, assédio, empoderamento e racismo. Hollanda (2018) destaca a continuidade de reivindicações das ondas anteriores, potencializadas pelas tecnologias digitais. Contudo, é importante reconhecer a pluralidade dos feminismos e de suas perspectivas.

Em consonância com Hollanda (2018) e Ribeiro (2018), uma das PPs se identifica como ativista e a outra como feminista negra. Somando-nos a elas, compreendemos que nossa existência feminista, como intelectuais negras/não brancas, “[...] se faz pedagógica dentro do próprio movimento feminista ao abarcar um processo de reeducação sobre os diferentes lugares [principalmente nos ambientes digitais em rede] e perspectivas feministas numa mesma sociedade” (Ribeiro, 2018, p. 264).

Como professoras universitárias e formadoras de professoras, concordamos com Edméa Santos (2019) em que a educação *online* deve ser apropriada como campo de pesquisa, ensino e extensão. Também defendemos o uso de interfaces e linguagens digitais na promoção dos multiletramentos (Rojo, 2012) e, particularmente, do letramento racial crítico (Ferreira, 2015), articulando cultura contemporânea e currículo e ampliando *espaçotempos* da pesquisa-formação na cibercultura para além da sala de aula.

Nesse cenário, de acordo com Santos (2019), professores atuam como mediadores, ampliando repertórios culturais e articulando educação e cultura digital por meio de práticas que valorizam a produção de conhecimento e cidadania ativa. A experiência de PP2 ([Live-conversa...], 2023) reforça essa perspectiva quando deixa claro que as redes sociais passaram a funcionar como uma extensão da sala de aula. Durante o isolamento social, passou a produzir miniaulas para o

Instagram e, posteriormente, conteúdos para o *YouTube*. Ao retornar ao *Instagram*, encontrou nos reels uma oportunidade de exercitar o “poder de síntese” que valoriza em sua prática docente.

Nessa perspectiva, as tecnologias digitais complementam os processos educativos e favorecem a (co)criação de conhecimentos no ciberespaço. Ao utilizarem esses ambientes para interagir com estudantes e seguidores, docentes ampliam suas redes de aprendizagem e criação. Foi nesse contexto que compreendemos as redes de criação das praticantes culturais e as noções subsunçoras emergentes de seus processos criativos.

NOTAS SOBRE A METODOLOGIA: ESTUDOS DAS REDES DE CRIAÇÃO

Antes de apresentar as noções subsunçoras emergentes da análise dos dados, destacamos nossa compreensão de redes da criação, já discutida em outros momentos (Velo, 2014; Veloso; Bonilla, 2018), em diálogo com Salles (2008a, 2008b), para quem “[...] a criação artística é marcada por sua dinamicidade” e caracterizada pela “flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade” (Salles, 2008b, p. 19). De modo semelhante, o pensamento criativo docente manifesta-se em diferentes contextos e, entre as praticantes da pesquisa, emerge de experiências cotidianas e dos usos de ambientes *online*. Nesse processo, a criação envolve seleção, combinação e mudanças de elementos preexistentes, pois “[...] a criação de novas realidades [...] ocorre através de um percurso de transformações que envolve seleções e combinações” (Salles, 2008b, p. 35). Para compreender esse percurso criativo, por meio de textos, narrativas, imagens e sons, bricolamos a etnografia *online* (Segata, 2013, 2016; Rifiotis, 2016) com a crítica de processo.

A escolha da etnografia *online*, a partir dos autores citados, fundamenta-se na necessidade de imersão no ciberespaço para compreender processos educacionais e formativos na cibercultura (Santos, 2012). Para isso, etnografamos rastros digitais (Bruno, 2012), entendidos, a partir da teoria ator-rede (Latour, 2007), como inscrições de ações que permitem descrever coletivos sociotécnicos. Esses rastros conduziram aos documentos de processo e às redes de criação das praticantes, analisados à luz da crítica de genética/processo.

A crítica de processo investiga documentos de processos criativos para compreender seus modos de produção (Salles, 2008a), considerando diferentes fontes, linguagens e contextos. Em nossos estudos, priorizamos o ciberespaço, onde os rastros digitais revelam redes de criação e a articulação entre espaços físicos e *online*. No caso das professoras, produtos e processos se entrelaçam: microvídeos, *lives*, livros, artigos, imagens e práticas pedagógicas transformam-se continuamente uns nos outros. Assim, as redes de criação em tempos de cibercultura deixam vestígios nos ambientes *online*, cujas linguagens, relações e interações constituem a singularidade de cada processo. Nesta pesquisa, analisamos registros em espaços físicos e virtuais (postagens, *lives*, livros e artigos), organizados a partir de uma elaboração teórico-crítica voltada à identificação dos aspectos mais recorrentes nas obras das PPs.

OS PROCESSOS CRIATIVOS DAS PRATICANTES: OS ACHADOS DA PESQUISA

Ao analisarmos o processo de criação docente, é pertinente recorrer à reflexão de Salles (2008b), que sustenta a impossibilidade de estabelecer uma separação entre o artista e seu projeto poético. Segundo a autora, o processo de criação artística constitui um espaço de construção contínua da subjetividade do artista. Esse conceito pode ser estendido à prática docente, visto que

o processo de ensino e aprendizagem, assim como a criação artística, não pode ser entendido de forma dissociada da subjetividade da professora. O processo pedagógico é parte essencial do desenvolvimento da identidade profissional e pessoal da educadora.

De forma análoga, constatamos que a prática docente e a figura da professora “[...] não só estão imbricadas de modo vital, como estão em mobilidade. São redes em permanente constituição” (Salles, 2008b, p. 152). Tal afirmação ressalta o caráter dinâmico da docência, na qual as experiências, interações e reflexões cotidianas reformulam e reconstroem constantemente tanto a prática quanto a subjetividade da educadora. Isso sugere que o ato de ensinar não é um processo estático, mas sim uma prática em constante evolução, que se redefine a partir de novas experiências (pessoais e profissionais), contextos e demandas. Como essas redefinições são sempre singulares, veremos a seguir o que constatamos a partir das análises das narrativas e imagens das praticantes, tomando como base os móveis que as movimentam para suas criações e o ciberespaço e as redes educativas.

OS MÓBEIS QUE MOVIMENTAM AS PRATICANTES PARA SUAS CRIAÇÕES

Percebemos que há vários móveis que movimentam as praticantes para seus processos criativos. Entre eles, para o interesse deste artigo, destacamos dois que podem abarcar o que consideramos de mais significativo, a saber: a) origens e memórias: as histórias de vida; e b) visibilidade das pessoas negras.

Origens e memórias

Compreendemos, com Salles (2008b), que a memória desempenha papel fundamental nos processos de criação das professoras, pois percepção e experiência passada estão interligadas. Como afirma Koestler (*apud* Salles, 2008b, p. 68), “[...] é impossível discutir percepção divorciada da memória”. Nesse contexto, os documentos de processo funcionam como lembranças materializadas que ativam memórias atravessadas por dimensões afetivas. Como a memória é plástica e dinâmica, as lembranças são continuamente reconstruídas, modificando-se à medida que mudamos e amadurecemos.

Ao longo de dois textos do livro *@Descolonizando saberes: mulheres negras na ciência* (Pinheiro, 2020), a PP2 compartilha suas vivências pessoais e profissionais, marcadas por desafios e superações enquanto mulher negra e pobre, detalhando como elas influenciaram sua itinerância acadêmica e ativismo (estes materializados em suas obras impressas e digitais). Ela relata sua passagem pela educação básica e ensino superior, destacando a importância de sua identidade e experiências na formação de seu trabalho e pesquisa. PP2 enfatiza a luta por uma educação mais inclusiva e antirracista, refletida em sua prática docente e projetos.

Na análise da fala da PP1 ([Live-conversa...], 2022), constatamos que a experiência pessoal e a vivência cotidiana constituem pilares de sua criação literária. A autora afirma que sua infância e adolescência ainda estão presentes em seus livros e que essas etapas são “fontes de muitas coisas” para sua escrita. Segundo ela, não apenas as experiências vividas, mas também “ler o mundo”, viajar, conhecer pessoas e observar histórias e trajetórias diversas alimentam a construção de personagens. A PP1 destaca ainda que a empatia e a observação atenta das pessoas são elementos

centrais de seu processo criativo, transformando memórias, encontros e narrativas cotidianas em matéria-prima para a escrita.

Essa relação entre memória, experiência e criação também aparece quando a PP1 (2020) discute a influência de acontecimentos marcantes em sua produção, como o assassinato de um adolescente na comunidade onde cresceu, que inspirou a escrita de *A ilha onde eu nasci*. A autora evidencia, assim, seu interesse por narrativas atravessadas por violências cotidianas e pela necessidade de dar visibilidade a essas histórias. Além disso, destaca o papel das redes sociais em sua prática acadêmica, utilizando-as para ampliar interlocuções, marcar sua presença na academia e desenvolver ações de divulgação científica.

Visibilidade das pessoas negras e a ocupação de diferentes espaços

A noção subsunçora “Visibilidade das pessoas negras” emerge das narrativas das PP como um eixo estruturante de suas práticas culturais e pedagógicas. Mais do que a presença de personagens negras em produtos culturais, as falas evidenciam a preocupação com quem produz, edita, circula e legitima esses conteúdos. Trata-se, portanto, de uma visibilidade que ultrapassa a representação simbólica e alcança a disputa por lugares de enunciação e autoridade cultural.

Nesse contexto, a literatura infantil constitui um espaço estratégico de formação de imaginários e pertencimentos. Ao comentar o lançamento de *Flores de ébano*, a PP1 ([Live-conversa...], 2022) destaca que a obra foi publicada pela Editora Mazza, dirigida por uma mulher negra, o que considera um “ato político”. A PP enfatiza o significado de reunir mulheres negras como protagonistas de uma narrativa voltada para crianças. Para ela, essa representatividade contribui para o enfrentamento do racismo e reforça a importância de voltar o olhar para a educação básica. A narrativa da PP1 evidencia que a visibilidade não se restringe à representação de personagens negras, mas envolve também a ocupação de espaços de produção, decisão e legitimação cultural. Nesse sentido, a publicação da obra articula dimensões simbólicas, pedagógicas e políticas, ampliando a presença de mulheres no campo editorial.

Obras como a referida funcionam simultaneamente como produto cultural e intervenção pedagógica, pois ampliam possibilidades de identificação para crianças negras e questionam a naturalização de lugares sociais historicamente reservados à população negra. Assim, a visibilidade, tal como enunciada pela participante, configura-se como prática para a promoção da justiça social, ao mesmo tempo que produz novas referências de pertencimento e autoria. A narrativa da PP1 não aparece como um caso isolado entre as participantes. Ao contrário, outras sujeitas da pesquisa também associam a visibilidade à necessidade de ocupar espaços historicamente negados à população negra, especialmente aqueles vinculados à produção de conhecimento e à circulação pública da palavra.

Essa compreensão também se faz presente na narrativa da PP2, o que pode ser constatado em seus livros, a exemplo, do *História pretinha das coisas: as descobertas de Ori* (Pinheiro, 2021). Uma obra comprometida com a ampliação das referências positivas sobre a população negra, especialmente no campo da ciência e da produção do conhecimento. Nesse sentido, a visibilidade reivindicada por PP2 articula-se à aquela anunciada por PP1, pois ambas apontam para a necessidade de ocupar espaços historicamente negados, seja no âmbito da autoria e da produção editorial, seja na legitimação de saberes, memórias e movimentos negros. Assim, as narrativas das PPs convergem para a compreensão da literatura infantil como um território de disputa simbólica

e política, capaz de promover pertencimento, reconhecimento e novas possibilidades de existência para crianças negras.

Observa-se, portanto, que a preocupação não se restringe à representatividade nas imagens ou personagens, mas envolve a construção de itinerâncias autorais e a presença ativa em ambientes de publicação, ensino e mediação cultural. É nessa direção que a fala da PP2 amplia a compreensão da categoria, ao evidenciar como a atuação em rede e a produção de conteúdos próprios passam a ser percebidas como estratégias de afirmação identitária e de intervenção social.

Ao refletir sobre sua itinerância profissional, a PP2 (A importância [...], 2020) ressignifica a aprovação em primeiro lugar em concurso público. Se, inicialmente, surpreendeu-se por alcançar essa posição sendo “filha de empregada doméstica” e oriunda da periferia, hoje compreende que sua itinerância não se encerra nessa conquista. Inspirada por uma perspectiva ancestral africana, afirma que educa para que as pessoas que vêm depois avancem além dela, entendendo avanço não como realização pessoal, mas coletiva.

Sua narrativa evidencia como o feminismo negro e a luta antirracista atravessam sua produção acadêmica e pedagógica. Ao interpretar sua história de vida como abertura de caminhos para outras mulheres negras, desloca a pesquisa de uma realização individual para uma prática política, coletiva e marcada pelas experiências de raça, gênero e classe.

Esse posicionamento aproxima sua atuação de uma perspectiva do feminismo negro que articula produção de conhecimento e transformação social. A valorização de uma ética de continuidade, ao afirmar que educa para que suas estudantes avancem além de sua própria trajetória, a PP2 indica que a ocupação de espaços institucionais não se encerra na conquista do cargo ou no reconhecimento profissional, mas se desdobra em responsabilidade formativa. Assim, ensinar, pesquisar e orientar tornam-se práticas interligadas de enfrentamento às desigualdades raciais, sobretudo quando vinculadas à formação de novas gerações de estudantes negras.

Nesse sentido, a luta antirracista aparece não apenas como temática de investigação, mas também como princípio organizador de suas escolhas acadêmicas e pedagógicas. Suas pesquisas mais atuais parecem emergir dessa experiência situada, orientando-se pela necessidade de problematizar a exclusão histórica da população negra dos espaços de produção de conhecimento e de ampliar a presença de mulheres negras nesses contextos. A visibilidade, portanto, não é entendida como reconhecimento individual, mas como estratégia de intervenção: ao ocupar e transformar esses espaços, a pesquisadora contribui para redefinir quem pode produzir saber, falar publicamente e ser reconhecido como autoridade intelectual.

Assim, sua narrativa evidencia que o feminismo negro e a luta antirracista funcionam como disparadores epistemológicos de sua trajetória investigativa, orientando tanto os temas escolhidos quanto a forma de conduzir suas práticas docentes e de pesquisa, sempre vinculadas à ampliação do acesso, da permanência e do protagonismo de pessoas negras nos espaços acadêmicos e sociais.

Nessa direção, a PP1 ([Live-conversa...], 2022) relaciona sua itinerância docente e investigativa às referências do feminismo negro e à luta antirracista. Ao refletir sobre sua atuação acadêmica, afirma que sua função é “ocupar espaços e formar pessoas”, mobilizando redes e produções inspiradas por feministas, intelectuais e escritoras negras que utilizam a escrita como estratégia de intervenção social. Em sua perspectiva, a presença de mulheres negras em espaços acadêmicos e digitais produz efeitos que ultrapassam a representatividade numérica, constituindo formas de demarcar a existência e ampliar interlocuções em contextos que ainda exigem a constante legitimação dessas presenças.

A narrativa evidencia a visibilidade como prática de ocupação consciente de espaços institucionais e digitais. A escrita, a docência e a atuação em rede aparecem articuladas à ampliação de diálogos, à produção de conhecimento e à transformação das relações raciais, fazendo da própria presença de mulheres negras espaços de ação política.

Ao mencionar autoras negras do século XIX e suas redes abolicionistas, a PP1 inscreve sua trajetória em uma continuidade histórica de mobilização coletiva. Dessa forma, a ocupação de espaços não é apresentada como conquista individual, mas como herança e responsabilidade intergeracional. A visibilidade, nesse contexto, deixa de significar apenas reconhecimento público e passa a representar permanência, circulação de ideias e construção de redes de apoio e formação.

Em seu livro *De onde vêm as boas ideias*, Steven Johnson (2011) reforça a hipótese de que alguns ambientes sufocam novas ideias; já outros parecem gerá-las sem esforço, e acontecem naturalmente. Para o autor, “[...] a cidade e a web foram motores de inovação desse tipo porque, por razões históricas complexas, ambas são ambientes poderosamente propícios à criação, à difusão e à adoção de boas ideias” (Johnson, 2011, p. 19). Apesar de reconhecer que nenhuma das duas é perfeita — cidade e *web*, em decorrência dos crimes que ocorrem em ambientes presenciais e *online*, tanto um lugar quanto outro possuem um histórico de geração de inovação.

Conforme o referido autor, nos ambientes densamente povoados, e abertos a novas ideias, diferentes formas de colaboração são possíveis. Quando há um “[...] transbordamento de informações” (Johnson, 2011, p. 48), quando circula um maior número de informações, contribui-se para, ou potencializa-se, o desenvolvimento de boas ideias.

Conseguimos vislumbrar a constatação de Johnson (2011) nas falas e nas ações das praticantes, pois percebemos que, à medida que passaram a intensificar suas publicações e a interagir em rede, foram ampliando redes líquidas de colaboração, seja presencialmente, seja por meio das interfaces de informação e comunicação emergentes no contexto do ciberespaço. Nessas condições, um maior número de ideias passa a circular, potencializando novas criações e, conseqüentemente, novos olhares críticos diante de situações cotidianas, tanto delas quanto de seus seguidores.

Tal configuração indica que o espaço *online* não possui materialidade física estável: ele é transmissível globalmente, acessado de modo simultâneo e apenas indiretamente tangível, constituído por presenças mutáveis e transitórias (Santaella, 2007). Assim, a habitabilidade do ciberespaço não depende de um suporte fixo, mas das conexões e das práticas comunicacionais que nele se estabelecem.

Veremos a seguir a potência dessas redes a partir das narrativas e obras das praticantes, explicitadas nos seguintes achados da pesquisa: as redes sociais como *espaçostempos* de partilha, formação e construção/consolidação de saberes docentes; as redes sociais: *espaçostempos* de sororidade e luta antirracista.

AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOSTEMPOS DE PARTILHA, FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO/CONSOLIDAÇÃO DE SABERES DOCENTES

A PP1 reconhece o significado das suas vivências, do que lhe dá prazer nas redes sociais, como professora universitária, intelectual e produtora de conteúdo, isto é, de um material que não se enquadra nos critérios de inserção no *Lattes*, mas que é tão importante quanto aqueles que são inseridos. Citando um posicionamento de Edméa Santos, a PP1 ([Live-conversa...], 2022) aponta a

incoerência da cultura acadêmica que ainda se encontra na sociedade da escrita, que não valoriza as produções que fogem dos padrões tradicionais de publicização, como, por exemplo, a live-conversa sobre a sua rede de criação, mediada por uma das autoras deste texto.

Em conversa conosco, a PP1 refletiu sobre a necessidade de a universidade dialogar com a cultura digital. Embora se considerasse “aprendiz na cibercultura” e “amadora no uso das redes sociais”, defendia que muitas experiências relevantes não cabem no *Lattes* e que a própria universidade precisa reconhecer as redes como espaços legítimos de produção e circulação de conhecimentos. Como afirmou PP1, “[...] se acreditamos que a universidade deve estar nas redes [...] precisamos reconhecer esse espaço como amplo e rico ([Live-conversa...], 2022).

Ao afirmar, de forma bem-humorada, que havia sido “*stalkeada*”, a PP1 referia-se ao movimento etnográfico realizado na pesquisa. Por meio da etnografia *online*, entendendo, com Macedo (2010, p. 21), que a compreensão dos fenômenos requer uma experiência imersiva e interativa dos sujeitos em seus contextos socioculturais. A imersão da PP1 nas redes sociais nos permitiu não só conhecer suas obras, mas também coletar elementos que tornassem visível sua rede de criação, aspectos que permitem uma interação com ela, sobre origem, personagens, cenários e histórias, ideias, fundamentos e práticas que compõem seus livros.

A PP1 se preocupa com a possibilidade de acesso ao conhecimento para todos e todas, conforme explícito em sua biografia no *Lattes*, “[...] tendo em vista o cenário pandêmico e a urgência da divulgação científica nas redes, criei o canal Academicamente viável no *YouTube* no qual divulgo as pesquisas por mim realizadas e, também, procuro dialogar com professoras/es sobre experiência e prática docente” ([Live-conversa...], 2022).

Nessa mesma direção, no lançamento do seu livro *Flores de ébano* (Lançamento [...], 2021), no dia 2 de junho de 2021, mediado pela professora Rosineide Freitas, a partir da conversa com os que estavam presentes no *chat* do *YouTube*, a PP1 demonstrou, em primeiro lugar, preocupação com a questão da acessibilidade de seus livros e a possibilidade de produzir versões digitais, com audiodescrição das imagens, referindo-se ao “#PraTodoMundoVer>>”, uma Identidade Visual do Projeto Surdez e Gênero. Comentou também sobre a necessidade de atualização da Editora Mazza, que já é antiga no mercado e que publica os livros à moda antiga, quando lhe perguntei sobre a possibilidade de se fazer *e-books*. E, em segundo lugar, demonstrou um desejo de fazer conteúdo aberto, quando disse para o público que tem versões em pdf de seus livros circulando na rede.

A compreensão das redes como espaços de democratização do conhecimento aparece em diversas narrativas das praticantes. Ao perceber que seus estudos alcançavam um público restrito, a PP2 passou a utilizar o perfil @uma_intelectualdiferentona para difundir uma ciência “negra”. A repercussão das publicações levou à criação da página @descolonizando_saberes e, posteriormente, à demanda dos seguidores pela publicação de um livro.

AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS TEMPOS DE SORORIDADE E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Em conversa com Ana Paula Xongani (A importância [...], 2020), a PP2 destaca o potencial das redes sociais, especialmente durante o isolamento pela covid-19, período que, segundo ela, “[...] a gente criou o grande Quilombo virtual”. Para a autora, o atual *boom* tecnológico favoreceu também um “*boom* antirracista”, impulsionado pelas conexões estabelecidas nas redes e pela atuação de influenciadoras negras que se tornaram referências para muitas pessoas. Ainda afirma que esse

movimento difere significativamente do cenário de poucos anos atrás, evidenciando a potência das redes para ampliar diálogos e fortalecer lutas coletivas.

Essa perspectiva também aparece em suas obras (Pinheiro, 2018, 2021, 2022) e no perfil “Descolonizando saberes”, onde, além de divulgar histórias e imagens de referências negras africanas e afrodiáspóricas nas ciências, potencializa práticas pedagógicas. Atendendo à pedidos dos seguidores, passou a socializar esses ícones científicos, fortalecendo a autoestima da população negra e ampliando sua visibilidade nos espaços de divulgação científica.

Percebemos que as praticantes usam suas redes sociais como *espaçostempos* não só de busca da decolonialidade e de luta antirracista, como também de promoção da sororidade. A sororidade vai além da simples solidariedade feminina, pois busca a compreensão das diferentes experiências e desafios enfrentados por mulheres de diversas origens, raças, etnias e orientações sexuais. É um incentivo às mulheres para que se unam, compartilhem suas histórias e enfrentem juntas as estruturas patriarcais que perpetuam a desigualdade de gênero, contribuindo assim para a construção de um mundo mais igualitário e inclusivo. Hoje, a internet amplia essas possibilidades de alcance, cada vez mais para um número maior de mulheres, contribuindo não só para a sororidade, mas principalmente para o letramento racial crítico.

As ideias de PP2 vão ao encontro do que está proposto no livro *Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19*, disponível também para download na internet. No referido livro, a autora (Santos, 2022) cita várias *lives* de intelectuais públicas, pessoas que, segundo ela, mobilizam multiletramentos críticos em contextos ciberfeministas. Com elas, Edméa foi aprendendo e nos ensinando as apropriações do digital em rede, uma verdadeira “explosão feminista” (Hollanda, 2018). A rede está sendo usada por ela e por diversas mulheres, a exemplo das duas praticantes dessa pesquisa, como espaço de coautoria e colaboração, o que revela uma coerência entre a teoria e as práticas da docência.

As vivências pessoais e a busca ou encontro com suas ancestralidades têm mobilizado as praticantes para a criação de obras que apontem não só denúncias, mas anúncios para uma educação antirracista e antissexista, fundamental em tempos de cibercultura, num tempo em que os ambientes *online* têm sido palco não só de discursos de ódio, mas também espaços de formação e de denúncias de violência contra as mulheres. Para tal, elas têm se dedicado aos estudos e produção de textos e livros, assim como têm realizado palestras e conversas focadas na luta antirracista, numa relação interativa com autoras negras, ativistas nas redes, conforme pode ser revelado na fala da PP1 ([Live-conversa...], 2022):

[...] esse movimento de ocupar as redes é também um movimento de ser eu mesma a autora da minha história, e é o que você também está fazendo produzindo estes registros; então, eu acho que a gente tem também essa obrigação de educar ao mesmo tempo, não só produzir memória, produzir registros, mas também a gente tem a obrigação de educar e formar pessoas.

A ocupação de mulheres negras nas redes sociais, a exemplo das PPs dessa pesquisa, formando redes de relações, vai unindo pessoas, criando comunidades com interesses afins e, conseqüentemente, gerando um aquilombamento virtual, contribuindo, principalmente, para uma educação antirracista, fundamental para a formação dos sujeitos contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar o que significa ser professora-autora na cibercultura em tempos de mobilidade ubíqua, com ênfase nos percursos de autoria construídos em redes de criação. A investigação articula essa problemática às práticas de professoras-pesquisadoras universitárias comprometidas com a luta antirracista e com a descolonização dos saberes, entendendo tais dimensões como estruturantes da formação docente contemporânea.

As reflexões apresentadas resultam de pesquisa desenvolvida durante estágio pós-doutoral, fundamentada na etnografia *online* articulada à crítica de processo. O *corpus* analítico foi constituído a partir das interações com praticantes culturais que participaram da investigação, considerando suas experiências, narrativas e produções em ambientes digitais. A produção do conhecimento, nesse contexto, decorre do acompanhamento sistemático dessas práticas e da análise dos processos de criação e circulação de conteúdos na cibercultura.

Dessa forma, concordando com Salles (2008b), entendemos que é o acompanhamento dos processos, dos pensamentos em criação, que nos permite falar de um autor (ou de uma autoria) que se constitui na relação com outros, com seus pares e com os objetos sociotécnicos. É de dentro das redes da criação que Salles (2008b) retira uma visão de autoria relacional, não centrada em um indivíduo isolado, mas interagindo com toda a efervescência cultural e/ou diferentes sujeitos.

Observamos, no processo da pesquisa, na cotidianidade das ações, na organização e na compreensão dos objetos construídos, que a autoria/criação das professoras acontece em rede, na sua temporalidade específica e relacional. Os elementos que formam a rede da criação de professoras não podem ser compreendidos isoladamente. Parte da criação está em seus escritórios, pessoais ou coletivos, seja em ambientes físicos ou virtuais. Contudo, por onde andam, elas levam seus escritórios na mente. No processo há móveis internos e externos que as impulsionam para inovações em suas práticas. Ao se sentirem mobilizadas, acionam as memórias e os recursos advindos das relações culturais, saem em busca dos acasos, acionam os saberes já consolidados, buscam ajuda para aqueles que ainda estão em construção. Na rede da criação/na criação das redes, há um movimento frequente, um ciclo constante em que se torna difícil distinguir onde está o começo, o meio e o fim.

Entretanto, o acesso ao espaço físico da universidade não é suficiente; é preciso criar mecanismos que gerem a rede da criação, com mais tempos livres para ampliar a formação não só de estudantes, mas para encontros com professoras que já atuam na educação básica e toda a comunidade que compõe as escolas, numa relação constante cidade-ciberespaço. Este trabalho revela que a autoria docente não se descola da pessoa do professor; a autoria da professora não se ensina, mas se pratica coletiva e colaborativamente no cotidiano das diferentes redes educativas, a partir de móveis e referências pessoais, em um eterno estado de inacabamento.

Os achados da pesquisa nos apresentam possibilidades de colocar em prática a Lei n. 10.639/2003 (Brasil, 2003) em ambiências educativas. A partir dos elementos das redes de criação das praticantes, podemos inferir que há indicadores para a formação de professoras para o desenvolvimento de seus processos criativos, a saber: as redes sociais como *espaçostempos* de partilha, colaboração e formação; b) a formação de quilombos virtuais: acompanhamento das publicações de mulheres ativistas nas redes sociais, não só curtindo, mas interagindo com elas; c) as escritas/escrevivências diárias em diferentes linguagens e ambiências; e d) a formação que não se separa da docência.

REFERÊNCIAS

- A IMPORTÂNCIA da educação antirracista na escola: não enrola com Xongani e Bárbara Carine. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (22 min 36 s). Publicado pelo canal Tô de cacho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-k4THhEolZA>. Acesso em: 3 jun. 2026.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alli., 2008. p. 15-38.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 3 jun. 2026.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução CNS n. 510, de 7 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2026.
- BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria do ator-rede. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 681-704, set./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2012.3.12893>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/12893/8601>. Acesso em: 10 set. 2024.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Tradução de B. Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Falo eu, professora, 79 anos, mulher, branca e cisgênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 241-251.
- JOHNSON, Steven. *De onde vêm as boas ideias: a história natural da inovação*. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LANÇAMENTO do livro Flores de ébano da professora Alexandra Lima da Silva. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (62 min). Publicado pelo canal CAP-UERJ/NEPE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sCuOauE0nfs>. Acesso em: 10 set. 2024.
- LATOUR, Bruno. *Changer de société, refaire la sociologie*. Paris: La Découverte, 2007.
- LEMONS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

[LIVE-conversa com Alexandra Lima sobre seus processos de criação]. [S. l.], 5 ago. 2022. Instagram: @maristelamidlej. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cg5T-qgA0A7/>. Acesso em: 10 set. 2024.

[LIVE-conversa com Bárbara Carine sobre seus processos criativos]. [S. l.], 21 mar. 2023. Instagram: @maristelamidlej. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CqD9mPVgIIIH/>. Acesso em: 10 set. 2024.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Compreender/mediar a formação: o fundante da educação*. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro, 2006. PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari (org.). *Descolonizando saberes: a Lei 10.639/2003 no ensino de ciências*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari (org.). *Descolonizando saberes: a Lei 10.639/2003 no ensino de ciências*. v. 2. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2022.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *@Descolonizando saberes: mulheres negras na ciência*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

RIBEIRO, Stephanie. Quem somos: mulheres negras no plural, nossa existência é pedagógica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 261-286.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 85-99, fev. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.17666/319085-98/2016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/M6GkRJnssG5zh65pVBVn7vd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: EDUC, 2008a.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. 2. ed. São Paulo: Horizonte, 2008b.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. *Humanos e hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Edméa. *Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia da covid-19*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SANTOS, Edméa; FERNANDES, Teresinha; YORK, Sara Wagner. *Ciberfeminismos e cibereducações: narrativas de mulheres durante a pandemia de covid-19*. Salvador: Edufba, 2022.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. Pesquisando com a mobilidade ubíqua em redes sociais da internet: um case com o Twitter. *ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, n. 139, jun. 2012. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542012000100011. Acesso em: 10 set. 2024.

SEGATA, Jean. A inventividade da rede. *Rastros*, Joinville, v. 16, n. 2, p. 139-149, dez. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/11673118/A_Inventividade_da_Rede_Rastros. Acesso em: 10 set. 2024.

SEGATA, Jean. Dos cibernautas às redes. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (org.). *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília, DF: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. p. 91-114.

SILVA, Alexandra Lima da. A ilha onde eu cresci. *Blog do Pensar a Educação em Pauta*, 21 maio 2020. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/a-ilha-onde-eu-cresci/>. Acesso em: 26 jul. 2026.

VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araujo. *A autoria do professor no contexto da cibercultura: redes da criação no cotidiano da escola*. 2014. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araujo; BONILLA, Maria Helena Silveira. O professor e a autoria em tempos de cibercultura: a rede da criação dos atos de currículo. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, e230026, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230026>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Z56Lw7VVRmJCfSFByNLsWDy/?lang=pt>. Acesso em: 3 jun. 2026.

Submetido em junho de 2026

Aprovado em julho de 2026

Informações das autoras:

Maristela Midlej Silva de Araujo Veloso
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
E-mail: marimidlej@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6386-1583>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3267415144528916>

Edméa Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
E-mail: edmeabaiana@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4978-9818>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4023554724278836>